

## **DIFERENTES PONTOS DE VISTA PARA A IGNORÂNCIA**

*Por Priscila Gontijo<sup>1</sup>*

Fundado em 2007, o coletivo teatral Quatroloscinco – Teatro do Comum, sediado em Belo Horizonte, tem uma pesquisa voltada para a criação coletiva e a dramaturgia autoral. Formado pelos artistas Assis Benevenuto, Italo Laureano, Marcos Coletta, Maria Mourão e Rejane Faria, o grupo apresentou o quinto espetáculo do seu repertório, *Ignorância*, nesta 37ª edição do Festivale, no dia 06 de setembro, no Teatro Municipal, em São José dos Campos.

Com texto e direção de Marcos Coletta e Assis Benevenuto, a montagem constrói cinco situações ora cômicas, ora dramáticas para refletir a ignorância que permeia as relações sociais na contemporaneidade. Nessas histórias, que vão do âmbito individual ao coletivo, a obsessão pelo progresso da civilização é apresentada sob diversas perspectivas.

Vícios morais, tais como a intolerância ao diferente, o medo como forma de subjugar o outro e uma tendência ao julgamento conduzem a força narrativa de cada cena. *Ignorância* faz do espaço teatral um dispositivo para o embate de vozes com diferentes pontos de vista.

---

<sup>1</sup> Escritora, dramaturga, pesquisadora e professora. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP, doutoranda em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) FFLCH/USP. Licenciada em Língua Francesa e Língua Portuguesa. Participou do grupo Macunaíma coordenado por Antunes Filhos, da Cia Os Privilegiados de Antônio Abujamra, é cofundadora da Companhia da Mentira. Atuou como artista orientadora do Programa Vocacional. Atualmente é professora de dramaturgia e roteiro no curso de pós-graduação Formação do escritor, no Instituto Vera Cruz-SP.

### **30 cadeiras e 2 atores**

Entre trinta cadeiras de madeira, os dois atores, Rejane Faria e Italo Laureano, se revezam em diversos personagens. E, no contato com o outro, as contradições do sujeito contemporâneo escapam.

Qual razão levou o ser humano a sentar-se? Por meio do evolucionismo é possível compreender todos os aspectos que influenciaram as modificações na estrutura no corpo humano para que o ser humano primitivo alcançasse a morfologia do se sentar. “Sentar é muito mais que um simples gesto de descanso dos membros inferiores. É uma busca constante do ser humano por um conforto natural, objetivando subconscientemente o hedonismo”.<sup>2</sup>

No palco, estão espalhadas trinta cadeiras, de tamanhos e formas variadas. Em alguns momentos, parecem simular uma fronteira entre dois mundos, duas pessoas, adultos e crianças. Também aludem a uma barricada ou as trincheiras de um campo de guerra. As cadeiras delimitam o espaço carregando a cena de múltiplos signos, portas que se fecham, peças de um museu, barcos naufragados. Deste modo, o objeto cênico pode representar tanto o trono de um rei, quanto a cadeira de um restaurante chique e até mesmo um abrigo de refugiados.

Ver tantas cadeiras em cena instiga o público a repensar signos e reconsiderá-los. Nessa nova configuração, o que uma cadeira significa? E trinta cadeiras? O que o gesto de se sentar representa para o ser humano? Se ao sentar-se o ser humano deu um passo na história da evolução, por que vivemos tempos tão sombrios? O que é o conhecimento? E a cultura? A partir de diversos aspectos da peça é possível formular questões sobre a ignorância humana, suscitadas tanto pela dramaturgia, quanto pelas atuações e a cenografia de Eduardo Andrade e Cristiano Cezarino.

---

<sup>2</sup> Adriana Sousa Fernandes da Silva e Suzi Maria Mariño no artigo para o Congresso Internacional de Ergonomia Aplicada, intitulado “Quando o ser humano se sentou? História da evolução do ser humano e aspectos ergonômicos da biomecânica da postura sentada”.

Entre uma reunião de pais na escola, em que a incapacidade de educar flagra a ignorância do adulto frente ao complexo universo da criança; o encontro de uma curadora de museu e um eletricista, com o paradoxal embate entre uma elite letrada, mas totalmente ignorante na compreensão de uma sabedoria outra; e a cena de xenofobia presente na crise de imigração, se desenrola o espetáculo, expressando o resultado do espírito do nosso tempo.

O ponto forte de *Ignorância* está na multiplicidade de pontos de vista que, ao explodir em cena, causa uma implacável dissonância. Mais do que nos solilóquios, são os diálogos que refletem melhor as potencialidades da crítica social presente no texto, pois verbalizam de forma menos explícita aquilo que denunciam. A alternância dos dois atores nos papéis dos adultos na cena da reunião na escola é o ponto alto da montagem. Rejane Faria é uma atriz magnética, capaz de revelar as contradições humanas das personagens sem esforço aparente e Italo Laureano possui uma comicidade melancólica que conquista o espectador. Entretanto, mesmo com todo o brilho e talento dos dois atores, a cena da curadora de museu e do eletricista por vezes resvala em um tom maniqueísta, quase estereotipado, ao reforçar demais as características de oposição entre eles.

Esse fato não compromete o espetáculo como um todo, que possui como premissa revelar possibilidades de diálogos e ampliar visões de mundo. A qualidade técnica e o rigor cênico fazem desta uma obra necessária para a cena contemporânea. Após assistir ao espetáculo, é possível concluir que o apurado trabalho técnico e expressivo do grupo está inteiramente construído a serviço dessa proposição dialógica.

Além disso, o espetáculo traz vínculo estreito com o contexto histórico da última década, na qual a xenofobia, o julgamento e a intolerância têm ganhado força com a ascensão da extrema direita pelo mundo. Ao priorizar temas contundentes como os mencionados acima, *Ignorância* nos obriga a olhar para uma cadeira não para sentar-nos, mas para ceder lugar.

